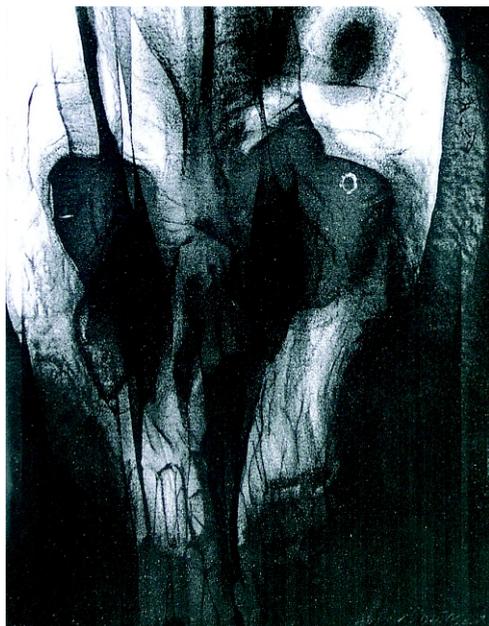


Ana Leonor Pereira
João Rui Pita
[Coordenação]

Miguel Bombarda ^[1851-1910] e as singularidades de uma época



(Página deixada propositadamente em branco)

Ana Leonor Pereira
João Rui Pita
(Coordenação)

FOLHA DE ROSTO

Miguel Bombarda (1851-1910)
a as singularidades de uma época

Coordenação Científica da Coleção Ciências e Culturas

João Rui Pita e Ana Leonor Pereira

Os originais enviados são sujeitos a apreciação científica por *referees*

Coordenação Editorial

Maria João Padez Ferreira de Castro

Edição

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: impresauc@ci.uc.pt

URL: <http://www.imp.uc.pt> • Normas de publicação de coleções

Design

António Barros

Pré-Impressão

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

Capa

António Dantas. *Sem título*, 2002. Col. António Barros. Coimbra

Impressão e Acabamento

SerSilito • Maia

ISBN

978-989-8074-11-9

Depósito Legal

.....

Obra publicada com a colaboração de:



Obra publicada com o apoio de:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

© Agosto 2006, Imprensa da Universidade de Coimbra

António Pedro Pita

Faculdade de Letras e CEIS20, Universidade de Coimbra, Portugal

MIGUEL BOMBARDA: UM INTELLECTUAL MATERIALISTA

O projecto científico de Miguel Bombarda, tal como se apresenta num dos seus textos mais famosos (*Os neurones e a vida psíquica*, 1895), consiste em reconstituir (e, talvez mesmo, provar) a materialidade integral da esfera do existente.

As aquisições definitivas da investigação sobre o neurónio – o neurone, na expressão de Bombarda – devida a Ramon y Cajal constituem um momento decisivo dessa reconstituição. É a função neuronal que integra cada indivíduo no movimento do real, é pela actividade do neurónio que, para o comportamento dos indivíduos, cujo centro é a vida psíquica, pode encontrar-se uma explicação positiva, porque é na estrutura, composição e dinâmica neuronais que o movimento do mundo, ou o mundo como movimento, se transforma no movimento dos indivíduos.

O neurónio é, pois, um mediador ou, mais precisamente, um operador da adequação entre os estímulos e as respostas. Torna visível que o movimento, elemento-chave para compreensão do mundo inorgânico e do mundo orgânico, é também o elemento-chave para a compreensão do mundo humano. Esse «tornar visível» não é uma força de expressão: constituído em objecto de investigação anatómica e, por isso, susceptível de ser visto e analisado, o neurónio é o lugar onde se vê que só matéria e vibração existem no mundo inorgânico, só matéria e vibração encontramos nos organismos e, por isso, só da matéria e da vibração pode resultar a inteligibilidade dos chamados fenómenos do espírito.

A doutrina neuronal constitui, por conseguinte, o elo decisivo para considerar o comportamento humano um fenómeno da natureza cuja inteligibilidade, como a de todos os outros fenómenos da natureza, reside na matéria e na vibração.

Neste ponto, não será excessivo considerar que a doutrina neuronal, como Miguel Bombarda a compreende, é tangente ao pensamento de Espinosa, para quem o homem não constitui uma esfera autónoma mas subordinado, pelo contrário, às determinações da natureza.

Compreende-se que Miguel Bombarda leia na doutrina neuronal uma «verdadeira revolução»¹ que atinge a psicologia, para mais em estado de incerteza epistemológica quanto à sua própria cientificidade, num dos seus pontos mais frágeis: a oscilação entre

¹ Miguel Bombarda, «Os neurones e a vida psíquica» in *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, LXI (1897) p. 129-180.

(eventual) metafísica do espírito e a aspiração ao estudo rigoroso do comportamento. Uma psicologia positiva, uma psicologia científica, uma concepção materialista da psicologia pressupõem o determinismo – e a possibilidade de observação anatómica do neurónio preenche o requisito, na medida em que fundamenta o determinismo, decide «a velha questão dos filósofos» e dá «o último golpe nas escolas espiritualistas»².

O facto de a edição do texto de Miguel Bombarda publicar vários desenhos não é accidental nem mero expediente para comodidade do leitor. A experimentação laboratorial positiva, que é a prova última do rigor reivindicada por Miguel Bombarda, trabalha no regime da evidência, cuja sede é a visão³, que não engana, não pode enganar. Miguel Bombarda não se limita a ver e a fazer, nesse ver, a prova de verdade; faz com que o leitor veja para que a mesma verdade que já se lhe patenteou possa impôr-se também ao leitor do seu texto⁴ para que ele chegue à verdade do determinismo.

A verdade do determinismo joga-se na causalidade. A pressuposição da verdade do determinismo, como Miguel Bombarda reiteradamente exemplifica, é a causalidade mecânica. Bombarda multiplica os exemplos: as qualidades de um elemento antecedente/causa transferem-se para o conseqüente/efeito, e a química (que é em última instância uma mecânica) desta transferência, que pertence da ordem do visível, determina o comportamento do indivíduo porque percorre toda a extensão do seu sistema nervoso.

Poderíamos dizer que estamos perante uma modalidade de comportamento des-subjectivado, anónimo, um plano de imanência em que o poder do indivíduo, os seus actos e a sua vida realizam, em modo singular, o poder e a vida do mundo no qual está inscrito e de cujas forças constitui um arranjo singular.

Uma «história natural do homem»⁵, velha aspiração do pensamento positivo, seria enfim possível. Mas sob duas coordenadas fundamentais: a influência do mundo sobre o indivíduo exerce-se em modo de analogia e o seu resultado é a consciência.

Quanto à primeira, Miguel Bombarda multiplica os exemplos: «Temos aqui o neurone. Queremos que ele vibre energicamente, com entusiasmos, que sejam faiscantes os seus produtos? Projectemos sobre ele algumas gotas de Champagne. Queremo-lo, pelo contrário, amolecido, inerte, improdutivo, embrutecido? Afoguemo-lo em alcool, administremos-lhe o clofórmio, narcotisemo-lo pelo ópio, pelo cloral... O neurone sentirá, vibrará, conforme todas essas acções que sobre ele incidam, e os seus produtos serão de todo em todo diferentes, segundo a qualidade e a energia da acção»⁶. A vida psíquica, como resultado directo destas acções, é uma mecânica regional que se recorta no «ideal de uma interpretação mecânica de todos os fenómenos do universo»⁷. Do ponto de vista de Miguel Bombarda, este mecanicismo integral corresponde à última onda da secularização na justa medida em que invade os terrenos onde, duran-

² Idem, *ibidem*, p. 132.

³ Cf. Fernando Gil, *Traité de l'évidence*, Editions Jérôme Millon, Grenoble, 1993, p. 16.

⁴ M. Bombarda, *o.c.*, p. 133.

⁵ Idem, *A Biologia na vida social*, Lisboa, 1900, p. 18.

⁶ Idem, «Os neurones e a vida psíquica», p. 143.

⁷ J. Largeault, «Causes, causalité, détermination» in *La querelle du déterminisme*, Le Débat, Gallimard, Paris, 1990, p. 181.

te séculos, o conhecimento da vida psíquica permanecera mergulhado em mistério⁸ e remove, com a força objectiva de uma «poderosa luz», todas «aquelas entidades metafísicas que se ensarilhavam na vida espiritual⁹. «A fisiologia geral do sistema nervoso (escreve), o modo por que se sabia que eram conduzidas as excitações e por que se constituíam os arcos reflexos, indicavam a necessidade de eliminar de vez das concepções científicas todas essas velharias, absolutamente inadapáveis às modernas conquistas da fisiologia»¹⁰.

Como, por isso, os homens e as sociedades se materializaram¹¹ e «o homem passou a ser um objecto da história natural»¹², é possível escrever uma «história natural do homem» cujo ponto de partida reside na anatomia e cujo princípio de inteligibilidade se encontra na fisiologia.

De certo modo, numa óptica de continuidade filosófico-científica, os trabalhos de Ramon y Cajal prolongam e consomem o contributo de Feuerbach: se Feuerbach realizara uma antropologização do espírito pela valorização do conceito de corpo, a qual lhe permitia afirmar os sentidos como «órgãos do absoluto» e definir o género humano como o campo de posição e resolução dos problemas e a historicidade como condição e limite da consideração do absoluto, as investigações neuronais de Ramon y Cajal mostram o tempo e o modo de naturalização do género humano e da história.

Como todos os homens de pensamento dignos desse nome, e por mais discreta que seja a operação, Miguel Bombarda não se limita a integrar-se numa história já feita: dá uma configuração particular à história que quer prosseguir e torna-se, deste modo, herdeiro de uma tradição que é, por isso, em grande parte, obra sua. Outras comunicações ocupar-se-ão, certamente, deste processo: Miguel Bombarda transforma as possibilidades em necessidade e constrói a evidência primeira susceptível de ser desenvolvida na banca da experimentação anatómica e na lamela da fisiologia. Limito-me a sublinhar que esta rede de pressupostos não se reduz ao elemento da materialização integral dos homens e das sociedades, abrange também a própria noção de matéria. À via prosseguida por um autor como Espinosa, de que parece ser próxima a afirmação da imanência absoluta, e pela força da sua genealogia intelectual, Miguel Bombarda parece preferir Descartes. Estamos num momento fundamental da história do determinismo, aliás ainda sem palavra para o nomear. A definição cartesiana de causalidade física tem, evidentemente, uma importância retrospectiva. Mas reveste-se, igualmente, de uma importância prospectiva: no mundo cartesiano, só é possível um tipo de efeitos – as modificações dos estados das partes da matéria; e só é possível um tipo de causas – os choques dos corpos uns contra os outros. Assim, no mundo material, causar é percutir e uma causa não é outra coisa do que um corpo que repercute num outro: a eficiência de uma causa reside na quantidade de movimento de um corpo que atinge outro corpo¹³.

⁸ M, Bombarda, «Os neurones e a vida psíquica», p. 142.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 142.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 142.

¹¹ Idem, *A Biologia na vida social*, Lisboa, 1900, p. 13.

¹² Idem, *ibidem*, p. 18.

¹³ Cf.: Krzysztof Pomian, «Histoire d'une problématique» in *La querelle du déterminisme*, p. 27-28.

Basta, porém, que uma noção-chave de Espinosa – a noção de afecto, que é o nome correspondente ao verbo afectar – seja irreduzível à noção de causa, para que os caminhos se bifurquem. Não é possível expor, agora, o fundo desta demarcação. Ela centra-se, precisamente, na noção de causa. A causa espinosiana não é, em primeiro lugar, transitiva. É de uma acepção de causalidade eficiente como causa de um efeito distinto que Espinosa se demarca, abrindo com a respectiva definição a sua obra mestra e concedendo-lhe o privilégio teórico de a tornar «o arquétipo de toda a causalidade, o seu sentido originário e exaustivo»¹⁴. No modo como um corpo afecta outro corpo, manifesta-se a potência da Natureza (cuja identificação com Deus é um tópico nuclear), e não simplesmente a força ou o movimento daquele determinado corpo.

Por isso, o tema da causalidade proporciona a Descartes e a Espinosa desenvolvimentos irreduzíveis e gera irreduzíveis correntes materialistas.

Esta questão prende-se directamente com o pensamento de Miguel Bombarda num ponto preciso que ajuda a definir a singularidade da sua posição cientista. Miguel Bombarda coloca no centro da mecânica psicológica a noção de consciência. No sentido em que a mecânica psicológica é uma região do programa de concepção mecânica de todos os fenómenos do universo, a noção de consciência não se limita aos homens mas alarga-se aos animais, vegetais e minerais. Vejamos o seguinte passo: «O cérebro é um oceano de amebas neurónicas que de contínuo estão em movimento, que de contínuo estão a articular-se e a desarticular-se. Esta agitação incessante é a consciência. Não é uma agitação que dê a alguma coisa estranha, a uma alma sobreposta, a sensação de consciência. A própria agitação constitui essa sensação. A agitação é a própria consciência. (...) Essa agitação é universal e universal é a sensação de consciência. Consciência no homem, consciência no animal ou na planta, consciência nas massas minerais. Um carvão incandescente é consciente. A questão está apenas no grau dessa consciência. Luminosa no homem, obscura nos graus mais baixos da vida, quase extinta nos corpos não organizados. Por toda a parte a agitação, por toda a parte o movimento, por toda a parte a vibração, por toda a parte a sensação correlativa»¹⁵.

Digamos que, pela doutrina contida neste passo, Miguel Bombarda poderia situar-se como intermediário entre o sonho de d'Holbach e La Mettrie e as neurociências contemporâneas, que pretendem dar conta da consciência pelos processos cerebrais. A consciência não é um «fragmento da alma» ou «uma emanção de Deus»¹⁶.

Porém, da mesma orientação do determinismo psíquico, a escola neurológica portuguesa extrairá consequências diversas. Egas Moniz considera que a vida psíquica «é um sistema, sem cessar em evolução, de forças elementares, antagonistas, componentes ou resultantes», há um «determinismo da nossa vida consciente. Como estas forças não obedecem senão às condições da sua própria realização colocam a vida psíquica na dependência determinada dessas condições. Estas condições são inconscientes: o inconsciente é a base universal da vida psíquica»¹⁷.

¹⁴ Gilles Deleuze, *Spinoza – philosophie pratique*, Editions de Minuit, Paris, 1981, p. 77.

¹⁵ M. Bombarda, «Os neurones e a vida psíquica», p. 145.

¹⁶ M. Bombarda, «Os neurones e a vida psíquica», p. 145.

¹⁷ Egas Moniz, *Licção do Curso de Neurologia – As bases da psicanálise* (separata de *Medicina Contemporânea*) Lisboa, 1915, p. 7-8.

A vida psíquica pode identificar-se com a rede complexa de causalidades: causar é percutir e a percussão circunscreve a causalidade ao modo do presente. A consciência é um fenómeno presente e coextensivo à rede de causalidades: Miguel Bombarda inscreve-se neste materialismo. Se, porém, a causa for irreduzível ao modelo da percussão porque a causa é uma expressão da potência infinita da Natureza – como no pensamento espinosiano –, já não é possível estabelecer uma aproximação analógica entre a causa e o efeito. A causa não é só excessiva relativamente aos efeitos, é também obacura e de uma obscuridade só parcialmente aclarada nos (e pelos) efeitos. Nesta via, que permite afirmar que os fundamentos dos fenómenos psíquicos são inconscientes, Miguel Bombarda por certo não se reconhecera, adversário que se mostrou da própria noção de «sub-consciente», que considera uma noção gerada pela velha metafísica, mais uma dessas palavras com que se tenta interpretar situações psicológicas «e que ao mundo espírito não significam absolutamente nada»¹⁸.

Mas o que mais importa, se não é a doxografia ingénuo nem a repetição desprevenida, também não é a crítica cega às condições históricas em que se constitui uma determinada formação discursiva de intenção científica. A maior ambição de Miguel Bombarda – quero dizer: o propósito explícito da corrente científica em que se inscreve – é a conquista da transparência sobre os fenómenos psíquicos, a última região da natureza ainda envolvida nos mistérios que têm envolvido os homens desde tempos imemoriais e impedido o conhecimento de si próprios e da sua relação com a sociedade e a natureza. Deste ponto de vista, e a letra do diagnóstico não está longe do discurso nietzschiano, a história da humanidade é a história de uma doença, dessa «grave enfermidade mental»¹⁹ cujo sinal mais expressivo, síntese de todos os sintomas, é o lugar de excepção que reserva ao Homem. De facto, a complexificação científica foi implicando desde o século XVII o descentramento do indivíduo ou, para sermos mais precisos, a sua transformação em objectos integráveis e integrados em campos de investigação progressivamente quantificados.

Sabemos hoje, porventura com uma outra convicção e uma outra urgência, que a racionalidade científica não é toda a racionalidade. Mas sabemos também que o próprio da racionalidade científica que anima Miguel Bombarda assenta justamente na pressuposição de que é toda a racionalidade. E sabemos ainda que, ao preencher os requisitos de cientificidade, as ciências cederam com frequência à tentação totalizadora, isto é, à suposição de que o seu ponto de vista, voltando-se em visão pan-óptica, poderia deslocar-se do terreno da justeza para o terreno da Verdade.

Ao escrever que «de tempos imemoriais tem a humanidade sofrido de grave enfermidade mental», Miguel Bombarda já está no campo ideológico da Verdade. Quero dizer: as investigações que desenvolveu – e que o tornaram figura cimeira devido à abertura de novas perspectivas em fisiologia, psicologia e neurologia – são deslocadas dos sujeitos individuais para a Humanidade como sujeito. As questões sociais são re-escritas em linguagem científica desligada do meio em que era pertinente e beneficiam da prova experimental a que nunca, noutras condições ideológicas, os problemas sociais poderiam aspirar.

¹⁸ M. Bombarda, «Os neurones e a vida psíquica», p. 161.

¹⁹ Idem, *A Biologia na vida social*, p. 8.

É compreensível o optimismo de Miguel Bombarda quando refere a «a rápida história da entrada triunfante e fecunda da ciência da vida nas relações sociais»²⁰ ou «a concepção científica do homem a insinuar-se na consciência social»²¹.

Não se trata, aqui, de uma analogia mas de uma redução efectiva do social ao biológico: a verdade do social está condensada no biológico²² porque a história do homem e da sociedade é uma história natural, quer dizer, uma história que se apreende na rede do determinismo psicológico.

Miguel Bombarda está consciente de que uma tal conclusão implica uma reorganização epistemológica pela qual algumas áreas científicas transfigurem os seus objectos e os seus métodos e conquistem os objectos e os métodos de outros saberes – porque, se a redução à natureza (entendida com matéria) é um facto, as disciplinas tendem para a unificação sob o critério da biologia, concebida como ciência total.

As expressões que traduzem esta operação revestem-se de particular importância: «É preciso que a psicologia deixe de ser uma ciência de laboratório e de mera aplicação individual para que se converta no magnífico sol fecundante da vida das sociedades. É preciso que a fisiologia ultrapasse os limites de uma ciência exclusiva a médicos e venha esclarecer a multidão de males sociais que sem ela terão de se arrastar sem fim, na escassez de remédio como na carência de prevenção. Urge que a história natural do homem, desde a actividade do mais humilde órgão até aos arcanos do pensamento, se constitua na base sólida e inabalável, na base inflexível, porque é a verdade mesma, de todas as relações entre os homens, de todas as leis e de todos os códigos em que se firmam as sociedades»²³.

Por isso, não menos importante é a conclusão: «Já é grande o papel do médico na sua faina de aliviar o sofrimento, de combater a doença. Mas como ele não se amplifica grandiosamente quando o enfermo é a sociedade inteira e a enfermidade é o erro a extirpar, as ilusões a desfazer, a superstição a esmagar... O médico clínico é rigorosamente e por larga parte um expressão de egoísmo; o médico social significa o anseio mais puro».

A noção de médico social é nuclear para a consideração de Miguel Bombarda como intelectual. É bem claro que não utilizo esta noção na sua acepção genérica. Pelo contrário, só a sua utilização estrita pode dar conta do problema que pretendo sublinhar: embora possam até coexistir na mesma pessoa, o cientista, o escritor e o artista devem distinguir-se do intelectual na medida exacta em que o próprio do intelectual é ler nas feições particulares de um acontecimento a afloração de um sentido e de uma Verdade que não é da ordem do transitório. O discurso do intelectual, mesmo (ou sobretudo) se é crítico ou heterodoxo é um discurso de Verdade. Não se ocupa das questões particulares que são as dos artistas ou dos escritores ou dos cientistas: reconduzem os contributos de todos eles à unidade de um sentido que pode ser dissolvente da ordem actual ou prefiguração de uma ordem a vir.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 8.

²¹ Idem, *ibidem*, p. 15.

²² Cf.: idem, *ibidem*, p. 17.

²³ Idem, *ibidem*, p. 18.

A noção de médico social é a noção-chave caracterizar a dimensão intelectual do trabalho de Miguel Bombarda. Uma sociedade que se reconheça doente, colocada perante os meios da sua própria cura, quererá escolher salvar-se pela mão do clínico militante da vida e da felicidade: a história natural, a que é devolvida, recupera, assim, de facto, um organismo que sempre lhe pertenceu.

Finalmente, re-estabelece-se a unidade da matéria.

•

Resumo – A comunicação tem um âmbito muito limitado: parte de uma leitura de Os neurones e a vida psíquica e da relação deste com um outro texto intitulado A biologia na vida social e centra-se na actividade de Miguel Bombarda, cuja longa actividade como médico e cientista exerceu reconhecida influência científica e ideológica no campo republicano, como intelectual, na acepção específica desta categoria.

O sentido dessa actividade lê-se com nitidez na noção de medicina social contraposta à de medicina clínica e na confiança de que só ela seja capaz de debelar a grave enfermidade mental que aprisiona os homens desde tempos imemoriais.

1 Coleção
Ciências e Culturas
Coimbra 2006

